

---

## **Cobertura jornalística de grandes acidentes nucleares: uma proposta de estudo sobre a tragédia com o Césio 137<sup>1</sup>**

Gilvania de Brito FERREIRA<sup>2</sup>  
Isaltina Maria de Azevedo Mello GOMES<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

### **RESUMO:**

Neste artigo, relembramos quatro grandes acidentes nucleares ocorridos no mundo de 1979 a 2011 - *Three Mile Island*, *Chernobyl*, *Goiânia* e *Fukushima Daiichi* - mostrando como foram divulgados na mídia impressa brasileira. Também apresentamos nossa futura pesquisa, na qual propomos investigar a cobertura da imprensa sobre a tragédia no Brasil com o Césio 137 a partir das matérias da *Folha de S. Paulo* e de *O Globo* publicadas entre setembro de 1987 e setembro de 2022. O estudo que introduziremos aqui terá como aporte metodológico a análise de conteúdo (AC) e a posterior análise de discurso (AD) para verificar se nossas hipóteses serão confirmadas, quais sejam, que o enquadramento das matérias pouco mudou nos últimos 35 anos e de que o discurso permanece restrito aos perigos da energia nuclear e às sequelas com as quais vivem as vítimas.

**PALAVRAS-CHAVE:** ciência; divulgação científica; energia nuclear; jornalismo.

### **INTRODUÇÃO**

A tecnologia nuclear se expandiu pelo mundo a partir da segunda metade do século XX por meio de diversas aplicações. No entanto, foram os grandes acidentes que ganharam espaço na mídia internacional. Quatro se destacam: *Three Mile Island* (1979), *Chernobyl* (1986), *Goiânia* (1987) e *Fukushima Daiichi* (2011). O primeiro ocorreu nos Estados Unidos da América (EUA), o segundo aconteceu na então União Soviética (onde hoje é a Ucrânia), o terceiro foi no Brasil e o quarto sucedeu no Japão. Somente no Brasil o desenrolar dos acontecimentos não envolveu uma instalação nuclear.

Neste artigo, abordamos de forma breve a cobertura dos quatro acidentes na mídia impressa brasileira. Não houve aprofundamento da análise do trabalho jornalístico de nenhuma das tragédias, pois nosso objetivo aqui limitou-se a rememorar os acontecimentos para o leitor deste artigo apontando aspectos como rapidez e reflexo da divulgação das notícias. Concentramo-nos nos primeiros dias do noticiário portanto.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente no XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista e mestranda em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, e-mail [gilvania.ferreira@ufpe.br](mailto:gilvania.ferreira@ufpe.br)

<sup>3</sup> Coautora e orientadora do trabalho, professora do Curso de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, e-mail [isaltina.gomes@ufpe.br](mailto:isaltina.gomes@ufpe.br)

---

Ainda apresentamos uma proposta de pesquisa futura, que pretende investigar a cobertura jornalística realizada no Brasil no período de setembro de 1987, quando aconteceu o acidente com o Césio 137 em Goiânia (GO) até seu aniversário de 35 anos, em setembro de 2022. Com o estudo a ser desenvolvido durante o mestrado em Comunicação na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), faremos análise de conteúdo (AC) e de discurso (AD) do que foi publicado sobre o assunto nestas três décadas e meia.

Cabe ressaltar já aqui a importância desse tipo de procedimento metodológico. Como explica Benetti:

Compreendemos o jornalismo como um lugar de circulação e produção de sentidos. De forma sucinta, o jornalismo é um discurso: a) dialógico; b) polifônico; c) opaco; d) ao mesmo tempo efeito e produtor de sentidos; e) elaborado segundo condições de produção e rotinas particulares. (BENETTI, 2010, p.107)

Lembremos que todo estudante de Jornalismo aprende logo no início do curso que precisa escrever suas matérias seguindo algumas premissas: ser imparcial, objetivo e se ater aos fatos. Na realidade do mercado, ou seja, nas redações, nem sempre é possível seguir tais regras quando se torna um profissional da área. Conforme Benetti e Lago explicam:

(...) O texto objetivo é apenas uma intenção do jornalista, restando-lhe elaborar um texto que no máximo *dirigido* a leitura para um determinado sentido, sem que haja qualquer garantia de que essa convergência de sentidos vá de fato ocorrer. (BENETTI, LAGO, 2010, p.108)

Seria este um fenômeno exclusivo de determinados tipos de cobertura ou temas de reportagem? Ainda segundo Benetti e Lago (2010), sim.

A notícia é um dos eixos norteadores dos ‘consensos’ e parâmetros sociais de normalidade e anormalidade. Ao lidar essencialmente com o que é inesperado, incomum ou perigoso, o Jornalismo acaba indicando o que seria socialmente desejável, normal ou adequado. (BENETTI, LAGO, 2010, p.110)

Além disso, de acordo com Orrico e Ferreira (2016), “no relacionamento que mantém com todos os setores sociais, a mídia jornalística é naturalmente aceita como *legitimadora* de qualquer tema.” O que nos leva a considerar se a Teoria do Agendamento atuou na cobertura sobre o acidente com o Césio 137. Sobre tal Teoria, Rocha ressalta:

---

A Teoria do Agendamento apresenta três componentes básicos: a agenda midiática (ou agenda jornalística), o conteúdo da mídia; a agenda pública, acontecimentos e assuntos vividos efetivamente pelas pessoas que compõem o público por serem considerados como relevantes; e a agenda das políticas governamentais, eventos e informações patrocinadas pelo aparelho do Estado. (ROCHA, 2008, p.43)

No caso de um cenário como aquele em Goiânia, quando pessoas morrem e outras tantas precisam conviver com as sequelas, será que a parcialidade foi mantida ou a cobertura jornalística se deixou influenciar pelo estigma impregnado à tecnologia nuclear e, por conseguinte, os jornalistas ajudaram a perpetuar no imaginário da população conceitos unicamente negativos em relação a esse campo da Ciência? Ou a mídia envolvida na cobertura dessa tragédia deu voz a especialistas da área informar e até educar a sociedade nestes 35 anos?

É importante lembrarmos Rocha (2008):

(...) A assimetria de poder entre a agência governamental dos promotores da notícia, a agência jornalística dos profissionais da mídia e a agência pública dos simples consumidores ilustra também os três tipos de acesso de que dispõem para tentar coincidir as suas necessidades de acontecimentos com a efetiva produção do discurso jornalístico. (1) O acesso habitual ou privilegiado, tipo de acesso contínuo usualmente mantido pelos promotores de notícias que compõem a agenda política governamental (fontes oficiais) e estão no centro da estrutura de poder. (2) O acesso disruptivo é o recurso daqueles que necessitam de um acesso habitual à agenda midiática, mas, para isso, precisam lançar mão da disrupção, ou seja, necessitam penetrar nas formas habituais de produção de notícias, quebrando a rotina. (...) (3) No acesso direto, exercido pelos jornalistas, estes *new assemblers* passam a tomar, assim, diretamente, a iniciativa pela promoção da notícia, “desenterrando” acontecimentos que, na maioria das vezes, a estrutura de poder gostaria de preservar bem longe do conhecimento do público e provocando as fontes oficiais a comparecerem perante o tribunal da opinião pública para se explicar. (ROCHA, 2008, p.43/44)

No entanto, como Alsina (2009, p.220) ressalta que “o jornalista está representado como sendo o sentinela das liberdades e dos direitos humanos e como um sentinela dos abusos do poder.” Alsina também aponta que:

No melhor dos casos, o profissionalismo é concebido de um ponto de vista meramente técnico. Fala-se da competência do jornalista como um simples serviço funcional. Isso gera toda uma metodologia profissional, a vocação, as qualidades pessoais, o “faro” jornalístico, etc. (ALSINA, 2009, p.225)

Orrico e Ferreira (2016) levantam um ponto importante sobre a publicação de notícias referentes a assuntos onde ciência e perigo podem andar de mãos dadas. “Voltada para a atividade de divulgação científica, a comunicação do risco científico-tecnológico revela a importância do trabalho jornalístico na transmissão da informação ao público não-especializado.”

Ainda sobre a divulgação científica, Ferreira destaca que:

(...) Frequentemente ela é vista como uma atividade de *marketing* científico de instituições, em que se observa pouca ou nenhuma preocupação com a dimensão educativa. Naturalmente, este fator pode impactar a formação crítica da sociedade no entendimento da Ciência e Tecnologia e, por consequência, a percepção do risco tecnológico. (FERREIRA, 2018, p.26)

No que tange à recepção das mensagens, Van Dijk ressalta que:

Não são os factos que definem a coerência, mas antes os modos como os fatos são definidos ou interpretados pelos utilizadores da linguagem nos seus modelos mentais desses fatos. Estas interpretações são pessoais, subjetivas, tendenciosas, incompletas ou completamente imaginárias. (VAN DIJK, 2017, p.51)

## TRAGÉDIAS NUCLEARES FORA DO BRASIL

Em 28 de março de 1979, os Estados Unidos passaram a enfrentar um perigo sem precedentes em sua história local: o de expor sua população aos efeitos da radiação. Nos jornais brasileiros, a notícia começou a ser divulgada no dia seguinte, como mostra a Figura 1, exibindo a capa de *O Globo*, que estampava o problema, porém dizendo aos leitores que a usina tinha escapado de uma catástrofe.



Figura 1. Capa de *O Globo*, 29 de março de 1979

Mais de 100 mil pessoas abandonaram a cidade em poucos dias. Somente com a checada do então presidente Jimmy Carter, em 1º de abril, o clima começou a ficar menos tenso. Funcionários da usina foram expostos a níveis mais altos de radiação do que o aceitável. Oficialmente, ninguém da população foi afetado. A falha no gerenciamento da crise fez ampliar a desconfiança também da imprensa. Uma vez que as autoridades diziam algo e os técnicos falavam outra coisa bem diferente, como podemos ver na Figuras 2 deste artigo.



Figura 2. Jornais exibindo a contradição entre governo e técnicos

Durante os dez primeiros dias dos acontecimentos em *Three Mile Island*, a imprensa nacional não se deteve apenas na cobertura do problema na Pensilvânia. Ela também noticiou a repercussão internacional do caso. O ocorrido nos Estados Unidos gerou uma onda de protestos e manifestações contrários à energia nuclear em diversos outros países, como pode ser visto nas notícias mostradas na Figura 3.



Figura 3. Reportagens mostrando consequências internacionais de *Three Mile Island*

A sensação de que nem tudo estava sendo contado pelas autoridades também pôde ser percebida no segundo acidente ao qual fazemos referência neste artigo: *Chernobyl*. Instalada em solo soviético, a usina dos rivais dos norte-americanos gerou uma situação ainda pior que aquela encarada por seus antagonistas na Guerra Fria. Em 26 de abril de

1986, um dos reatores voou pelos ares durante um teste de segurança, liberando 200 toneladas de material radioativo na atmosfera.

Cerca de 116 mil pessoas precisaram deixar suas casas e abandonar seus empregos nos arredores da usina. Aproximadamente 75% da Europa foi contaminada de alguma forma com elementos radioativos presentes no ar. O balanço oficial de mortos foi de 30 pessoas, entre técnicos que trabalhavam na usina e bombeiros. Entretanto, na imprensa, o número divulgado era questionado, como pode ser visto na Figura 4.

No Brasil, a notícia sobre a explosão em *Chernobyl* só chegou à mídia impressa três dias após a tragédia ter iniciado e, na Figura 4, a notícia da esquerda mostra que a radiação já havia atingido quatro países.



Figura 4. À esquerda, *O Globo*, 29 de abril de 1986. À direita, a edição do dia 30 de abril

Durante os dez primeiros dias da cobertura sobre a tragédia na antiga União Soviética, o que se viu na mídia foi um questionamento constante sobre o número de vítimas fatais e tentativas do governo do presidente Gorbachev para tentar minimizar os danos na imagem do país, como mostra a Figura 5.

A produção de energia elétrica no local continuou até o ano 2000, quando a pressão internacional conseguiu convencer os governantes a paralisar as operações no local. No entanto, recentemente, *Chernobyl* virou ponto turístico – em 2019, cerca de 125 mil pessoas visitaram a instalação. O número é maior que aquele referente à quantidade de pessoas que precisaram fugir no dia do acidente na usina nos anos 80 por estarem próximas demais da usina.



Figura 5. O Globo e Capital retratando e questionando postura do governo

Vinte e cinco anos depois de *Chernobyl*, um terremoto seguido de *tsunami* provocou uma nova tragédia a partir de uma usina nuclear: desta vez, em *Fukushima Daiichi*, no Japão. Abalada em sua estrutura com o impacto das ondas gigantes em 11 de março de 2011, a instalação japonesa teve seus geradores de emergência inundados, o que provocou superaquecimento em seis reatores e, na sequência, explosões.

No Brasil, assim como ocorreu em *Three Mile Island*, a notícia chegou nas redações rapidamente. Em tempos de internet e redes sociais a pleno vapor, quase imediatamente ao acontecido, a sociedade já estava ciente do que havia acontecido. Na mídia impressa, demorou um dia para a cobertura começar, como mostra a Figura 6, que aponta o destaque dado por *O Globo* ao assunto – o acidente era a notícia principal.



Figura 6. Tragédia em Fukushima em O Globo, 12 de março de 2011

Para um povo que foi assombrado com o terror de duas bombas atômicas sessenta e seis anos antes, o pavor com tudo o que estava envolvido no acidente de *Fukushima* só colaborou para o pânico da população, como mostra a Figura 7. Mais de 30 mil pessoas seguem fora de suas casas, sendo consideradas “refugiados nucleares”. Oficialmente, duas pessoas morreram. Nos primeiros dez dias de tragédia, a preocupação com a radiação foi o principal tema das matérias.



Figura 7. À esquerda, *O Globo*, 13 de março de 2011. À direita, a edição do dia 16.

## O ACIDENTE EM GOIÂNIA

No dia 13 de setembro de 1987, duas pessoas entraram em um prédio desocupado, onde antes funcionava uma clínica de radioterapia. Pegaram e levaram para casa um antigo aparelho com o intuito de desmontá-lo e vender as peças. Começava ali a tragédia envolvendo o Césio 137, que levou à morte quatro pessoas e deixou outras dezenas tendo que lidar com as consequências da contaminação.

Apesar da data, os efeitos só começaram a aparecer cerca de dez dias depois. Encantados com as características físico-químicas do Césio, a cor azulada e o brilho quando no escuro, não só os catadores que primeiro pegaram o aparelho de radioterapia como seus familiares e outras pessoas fizeram o impensável: passaram a substância pelo corpo e alguns até fizeram sua ingestão. Dentre eles, Leide das Neves<sup>4</sup>, uma menina de seis anos, uma das vítimas fatais e que se tornou símbolo da tragédia.

Nos jornais brasileiros, a notícia só começou a ser divulgada no início do mês de outubro (no *Jornal Nacional*, a primeira matéria foi ao ar em 30 de setembro), sendo a primeira notícia de capa no dia 01 de outubro de 1987, em *O Globo*, como mostra a Figura

<sup>4</sup> Além de Leide das Neves, faleceram também Maria Gabriela Ferreira, tia de Leide; e os catadores que retiraram o aparelho da clínica de radioterapia, Roberto dos Santos Alves e Wagner Mota Pereira.



8. O pavor se espalhou entre as pessoas em Goiânia e redondezas assim como nas cidades citadas nas reportagens – seja como destino de tratamento das vítimas, no Rio de Janeiro, seja como local de transferência para receber o chamado “lixo atômico”. Junto com tudo isso, surgiu o preconceito contra as pessoas contaminadas com o Césio 137.



Figura 8. Capa de *O Globo*, de 1º de outubro de 1987

Não tardou para a imprensa fazer comparações entre *Goiânia* e *Chernobyl*, como mostra a Figura 9 – e sempre mostrando que o caso brasileiro era ainda pior.



Figura 9. Matérias apontando que o acidente de *Goiânia* era pior do que o de *Chernobyl*

Além de terem de lidar com a dor da perda de seus entes, os familiares ainda precisaram encarar o protesto da população de Goiânia, que souberam pela imprensa que os quatro mortos seriam enterrados no cemitério da cidade. Eles foram sepultados em túmulos especiais, feitos de chumbo e de concreto reforçado para evitar contaminação do ambiente, como mostra a Figura 10. Os sobreviventes até hoje convivem com o estigma do Césio.



Figura 10. Jornais mostrando a dor das vítimas e a confusão no enterro

A cobertura da tragédia tomou conta do noticiário televisivo, radiofônico e impresso no Brasil, como era de se esperar. O foco durante os dez dias iniciais da tragédia nos jornais se concentrou em três assuntos específicos: na condição de saúde das vítimas internadas, na descoberta de culpados pelo ocorrido e em descobrir eventuais novos pontos de radiação, como mostra a Figura 11.



Figura 11. Jornais estampando a tragédia do Césio 137

---

## A PESQUISA

O nosso futuro estudo tem como objetivo geral investigar a cobertura da mídia jornalística sobre acidente com o Césio-137 realizada entre os meses de setembro de 1987 e setembro de 2022. A amostra será composta pelos textos do primeiro ano de cobertura do acidente e por aqueles divulgados nos meses de aniversário da tragédia na *Folha de S. Paulo* e em *O Globo*. A coleta do material será feita através do acesso ao acervo digital dos veículos de comunicação do *corpus* da pesquisa.

Temos como objetivos específicos apontar os tipos de enquadramento das matérias; analisar o discurso dos textos jornalísticos dos veículos de comunicação selecionados; elencar os assuntos mais abordados sobre o tema no período do *corpus*; relacionar o perfil das fontes consultadas para entrevistas e listar eventuais enfoques adicionais/novas pautas dentro do tema nuclear. O problema da pesquisa busca responder como foi construída a narrativa sobre o chamado “maior acidente nuclear do Brasil” e nossas hipóteses são a de que o enquadramento das matérias pouco mudou nos últimos 35 anos e de que o discurso permanece restrito aos perigos da energia nuclear e às sequelas com as quais vivem as vítimas.

As autoras deste artigo optaram por utilizar como metodologia na pesquisa a análise de conteúdo (AC) e a análise de discurso (AD). A análise de conteúdo (AC) seguirá o modelo de Bardin (1977), ou seja, será dividida em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados e interpretações. Na primeira, será feita a apresentação e a preparação do material para a análise, com referenciação dos índices, elaboração dos indicadores, regras de recorte, categorização, codificação e teste das técnicas.

Na segunda etapa, haverá a administração das técnicas no *corpus* da pesquisa. Na terceira, o tratamento dos resultados e as interpretações serão feitos a partir de operações estatísticas, síntese e seleção dos resultados (com provas de validação), inferências e interpretação.

Bardin (1977) explica que:

Contrariamente à linguística, que apenas se ocupa das formas e da sua distribuição, a análise de conteúdo toma em consideração as significações (conteúdo), eventualmente a sua forma e a distribuições destes conteúdos e formas (índices formais e análise de co-ocorrência). (Bardin, 1977, p.45)

---

Para que não haja dúvidas que a análise de conteúdo não é a mesma coisa que análise documental, Bardin relaciona as diferenças entre as duas.

A documentação trabalha com documentos; a análise de conteúdo com mensagens (comunicação). A análise documental faz-se, principalmente, por classificação-indexação; a análise categorial temática é, entre outras, *uma*<sup>5</sup> das técnicas da análise de conteúdo. O objetivo da análise documental é a representação condensada da informação, para consulta e armazenamento; o da análise de conteúdo é a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo) para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem. (BARDIN, 1977, p.48)

Para fazer a análise de discurso, identificaremos as formações discursivas (FD) e as enumeraremos e nomearemos para indicar o sentido principal em torno da pesquisa. Depois, apontaremos as sequências discursivas (SD), com os trechos contendo os termos que mostram o tom dos jornais com relação ao tema nas matérias, títulos etc.

Verificaremos se há silenciamento ou pluralidade de visões sobre o tema a partir das fontes de entrevista. Isto nos permitirá fazer o mapeamento dos sentidos presentes o discurso, identificar os sentidos ausentes e/ou silenciados e analisar por que estão ausentes no discurso. Com o estudo das vozes, serão elencados os enunciados conforme suas perspectivas/falas (por exemplo, E1, E2 etc.). Os enunciadores serão considerados locutores e listados como L1, L2 consecutivamente.

Com a AD, um mapeamento de vozes poderá ser traçado assim como a identificação dos sentidos nos textos. Com a AC, serão apontados os critérios de noticiabilidade, enquadramento e agendamento. Um programa de computador será utilizado para a análise estatística da amostra desta pesquisa, sendo este, a priori, o *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS).

A escolha dos jornalísticos se deu pelo alcance nacional do periódico e pela localização de sede (no caso de *O Globo*) – por estar sediado no mesmo município da Comissão Nacional de Energia Nuclear, CNEN, responsável pela área nuclear no Brasil, e porque o Rio de Janeiro foi a cidade para a qual as vítimas foram enviadas para receber tratamento médico. Optou-se por não escolher nenhum jornal de Goiás por entendermos que a proximidade geográfica poderia (ou pode ter) inferido em tons mais emotivos das

---

<sup>5</sup> Grifo da autora.

---

matérias publicadas sobre o tema deste estudo, o que poderia prejudicar os resultados da pesquisa.

Análises como estas propostas na pesquisa a ser desenvolvida são importantes porque ajudam a entender ou enxergar o texto jornalístico para além do que foi escrito. Mais do que um conjunto de meras palavras, as matérias apresentam significados e têm efeitos de sentido que são capazes de influenciar opiniões e tomadas de decisões.

Van Dijk (2017) ressalta que: “talvez não haja outra prática discursiva, para além da conversação quotidiana, que seja tão frequentemente exercida e por tantas pessoas como o são as notícias da imprensa e da televisão.” No caso de tragédias, como aquela acontecida em Goiânia em 1987, a comoção e a revolta são sentimentos que tomam conta de toda a sociedade – de profissionais pagos e ensinados a serem objetivos como os são os jornalistas.

## **CONSIDERAÇÕES**

Quase instantaneamente após o seu surgimento na primeira metade do século XX, a energia nuclear passou a ser associada a bombas, acidentes, anomalias. O medo, o desconhecimento e a desinformação fazem com que muitas pessoas sequer tenham interesse em se familiarizar com a tecnologia advinda desse tipo de energia até hoje. No Brasil, este cenário se repete, principalmente após o acidente com o Césio-137, ocorrido na cidade de Goiânia em 1987, que matou quatro pessoas e deixou várias outras tendo que conviver com sequelas físicas e mentais da contaminação ocorrida na capital de Goiás.

As lamentáveis tragédias criaram barreiras entre o chamado setor nuclear e a população, que desconhece as aplicações dessa tecnologia na saúde, no meio ambiente, na indústria e até na conservação de livros – somente para citar alguns exemplos. Matérias jornalísticas parecem reforçar esse temor, levando a sociedade a acreditar fielmente em tudo o que vê, ouve ou lê sobre o assunto. Estariam tais meios, então, prestando um desserviço à população? É o que procuraremos descobrir no estudo proposto e apresentado neste artigo.

Entendemos que é muito difícil ficar isento de julgamentos e se manter imparcial emocionalmente quando nos deparamos com situações extremas, ainda mais quando elas estão envoltas a conduções desastrosas da crise, falta de transparência e que podem levar

---

à morte. Contudo, certas instituições devem manter certo distanciamento dos fatos para analisá-los com a devida seriedade e o discernimento necessário. É o caso da imprensa.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2021.

BENETTI, M.; LAGO, C. (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

FERREIRA, Maria da Conceição da Rocha. **Memórias do medo atômico**: a construção do imaginário sobre o risco científico a partir dos discursos sobre grandes acidentes pela mídia. 2018. Tese (Doutorado em Memória Social) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

ORRICO, E. G. D.; FERREIRA, M. da C. da R. Memórias da comunicação informacional do risco científico: repercussões sociais a partir da cobertura jornalística de grandes acidentes tecnológicos. **Inf. & Soc. Est.** João Pessoa, v.26, n.1, p. 37-50, jan/abril. 2016.

ROCHA, Heitor Costa Lima da. Habermas e a Teoria do Jornalismo: a manipulação ideológica no jornalismo como distorção sistemática da comunicação. **Estudos em Comunicação**. Recife, n. 4, p. 41-47

VAN DIJK, Teun A. **Discurso, notícia e ideologia**: estudos na análise crítica do discurso. 2. ed. Portugal. Edições Húmus, 2017.